



UNIVERSIDADES POPULARES

UPP - UM MARCO EXEMPLAR DE CULTURA

O ambiente político-cultural português do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX foi propício ao crescimento das preocupações com a educação popular por se considerar decisivo o papel da educação e da cultura como fonte de progresso e desenvolvimento social. Assim, este tema passou a estar no centro do debate político e social propugnando-se pela formação de um cidadão consciente e participativo na construção de uma sociedade nova.

Contudo, essa preocupação não foi acompanhada por medidas estruturais oficiais (a taxa de analfabetismo da população com idades iguais ou superiores a sete anos era de 78% em 1878, e irá baixar apenas para 62% em 1930).

Assim, para responder a essa necessidade social de uma classe trabalhadora mais instruída e às preocupações de alguns setores da vida cultural e política, emerge entre nós, como em outros países da Europa, o movimento da educação popular.

Surgem, então, as universidades livres e populares, associações dedicadas à educação popular e à divulgação científica e cultural.

Uma das primeiras é a Academia de Estudos Livres, fundada em 1889, que se define, a partir de 1904, como Universidade Popular. Entre outras que surgem posteriormente, é de referir a primeira Universidade Popular no Porto, fundada em 1912 e ligada à Renascença Portuguesa, associação fundada por Jaime Cortesão.

Em 25 de Junho de 1979, numa homenagem a Bento de Jesus Caraça, a Universidade Popular do Porto foi fundada por um grupo de destacados intelectuais do Porto, entre os quais se encontravam os Professores Armand de Castro, Emílio Peres, José Morgado, Óscar Lopes e Ruy Luís Gomes. Visando a educação popular conforme o espírito das universidades popula-



res criadas em Portugal nos finais do século passado e na 1ª República e adaptando-se às novas realidades e às perspetivas abertas com o 25 de Abril, são objetivos da UPP, desde a sua criação, promover o conhecimento e a formação cultural, científica e técnica nas diversas áreas do saber e da atividade social.

De facto, ao longo dos seus anos de existência, a UPP tem desenvolvido uma atividade constante nesse sentido, materializada na realização de dezenas de cursos, em horário diurno e pós-laboral, seminários, conferências, debates, visitas de estudo e outras, nas quais já participaram milhares de pessoas, de diferentes idades, estratos sociais e níveis de escolaridade. Apostados na divulgação do saber e conscientes de que a promoção da cultura e a reflexão crítica são importantes atos de cidadania e que a educação ao longo da vida se assume cada vez mais como condição essencial para o desenvolvimento pessoal e para uma intervenção social ativa e consciente, os professores, monitores e colaboradores da Universidade Popular do Porto ministram as suas aulas e animam as diferentes iniciativas sem auferir qualquer tipo de remuneração, colhendo como únicos benefícios a disponibilização cívica do seu saber e a participação num projeto de dinamização cultural, para todos enriquecedor.

ASSEMBLEIA GERAL DA UPP

Realizou-se no dia 23 de Março de 2018 a Assembleia Geral da Universidade Popular do Porto, a qual aprovou o Relatório e Contas do exercício de 2017 e deu contributos para o Plano de Actividades de 2018.



Contribua com 0,5% do seu IRS para a UPP sem qualquer encargo

Para isso basta escrever no quadro 11 do modelo 3 o NIF da UPP 501766308

CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS / CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO		ENTIDADES BENEFICIÁRIAS		
Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º 4, da Lei n.º 16/2001, de 22 de Junho)	<input type="checkbox"/>	1101		
Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas coletivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º 8, da Lei n.º 16/2001, de 22 de Junho)	<input type="checkbox"/>			
Preséias coletivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º, n.º 5 e 7, da Lei n.º 35/96, de 18 de Julho)	<input type="checkbox"/>	1102	501766308	<input checked="" type="checkbox"/>
Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (art.º 152.º do CRP)	<input checked="" type="checkbox"/>	1103		<input type="checkbox"/>

VISITAS DE ESTUDO DA UPP

ALCOBAÇA E MAFRA

Enquadrado numa proposta do curso "Reflexões sobre a História", orientado pela Dr.^a Fátima Silva, um grupo de 52 convivas da UPP participou na visita de estudo "Alcobaça e Mafra", em 27 de Janeiro, com uma forte vontade de conhecer e aprofundar os seus conhecimentos sobre a Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça e sobre o Palácio Nacional de Mafra, no seu tricentenário e com enfoque no "Memorial do Convento – Uma Integração Histórica".

A visita decorreu com a qualidade a que a UPP nos habituou, com um grupo, participativo e solidário, permitindo aos "novatos" sentirem-se bem integrados. O êxito da visita a Alcobaça não seria o mesmo sem a competente colaboração da Dr.^a Eulália Salgueiro, responsável pelo Serviço Educativo do Mosteiro, no planeamento e como guia na visita. Registe-se o excelente "brinde" da visita à Capela-Sacristia que, normalmente, não é acessível ao público. Depois, Mafra é... Mafra e, com os nossos guias, o êxito da visita foi reforçado.



O grupo da UPP na visita ao Mosteiro de Alcobaça

O Palácio Nacional de Mafra foi mandado construir por D. João V. Trata-se de uma obra de enormes dimensões, que consegue num só edifício de grande escala reunir uma basílica, um convento e um palácio. Os trabalhos de construção tiveram início em 1717.



D. João V representa o absolutismo e a conseqüente repressão do povo pobre. Com o pretexto de cumprir a promessa feita ao clero para garantir a sucessão no trono, e pretendendo ser lembrado por uma obra grandiosa tal como o Rei-Sol, D. João V mandou construir este enorme palácio.

Este facto é romanceado por José Saramago, no "Memorial do Convento". Através da íntima relação entre a narração ficcional e a histórica, o romance critica a exploração dos pobres pelos ricos, que origina a guerra entre os indivíduos e a corrupção pertencente à natureza humana - com especial enfoque na corrupção religiosa. Ver e não ver são as chaves simbólicas do romance. Baltasar tem a alcunha de Sete-Sóis, porque apenas consegue ver à luz, enquanto Blimunda é chamada de Sete-Luas, porque consegue ver no escuro. Assim, esta dupla, cuja alcunha contém o Sete e a relação Sol-Lua, representa simbolicamente o uno.

O Mosteiro ou Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça, cujo início de construção data de 1178, foi uma das primeiras fundações monásticas cistercienses em território português, no âmbito de uma política de proteção régia, iniciada por D. Afonso Henriques. O mosteiro é um ambicioso conjunto arquitetónico de 220m de comprimento, que se divide em três corpos: a Igreja (a maior de Portugal) e as alas Norte e Sul. Neste edifício, destaca-se: a fachada, a igreja, a capela das Relíquias, o claustro de D. Dinis, as salas do Capítulo e dos Monges, a cozinha e o refeitório, a sala dos Reis. Especial realce para os túmulos de D. Pedro e D.^a Inês de Castro, de qualidade ímpar a nível europeu.



CHAVES



Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso



Grupo de visitantes da UPP

No passado dia 10 de Março, foi realizada uma visita de estudo a Chaves, que incluiu o centro histórico da cidade, percorrido durante o período da manhã, e o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, para onde o grupo se deslocou após o almoço.

Não obstante o interesse histórico de Chaves, julgamos ser unânime o impacto provocado no grupo pelo Museu, que acolhe com carácter permanente a obra de Nadir Afonso, pintor e arquiteto flaviense. O projeto arquitetónico é da responsabilidade de Siza Vieira que, na margem direita do rio Tâmega, cria um edifício com configuração antropomórfica, suspenso sobre lâminas paralelas entre si e perpendiculares ao rio, prevenindo assim eventuais cheias.

A PRÓXIMA VISITA DE ESTUDO...
GEOPARK NATURTEJO...



VISITA DE ESTUDO

04 (Terça-feira) **05** (Quarta-feira) **maio** 2018

GEOPARK NATURTEJO

Cruzeiro de barco às Portas do Rodão
cirandando por
Nisa, Alpalhão e Vila Velha do Rodão

GUERRA COLONIAL - 40 anos a esconder a História

Debate na UPP, dia 10 de Abril, às 18H,

com Jorge Ribeiro, escritor, professor de jornalismo, repórter de guerra em África, investigador do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto



A forma como caiu o império, as derrotas militares no terreno e as pesadas consequências que a sociedade sofreu não permitiram, durante muito tempo, “avaliar os estragos” e apurar os seus responsáveis.

Ao «Isto agora já não interessa» seguiu-se «A guerra acabou e as pessoas não querem ouvir falar nisso». Literatura de investigação, trabalhos académicos, investimento dos audiovisuais no tema, constituição de arquivos históricos, por exemplo, são raros e correspondem ao primeiro período de ocultação da Guerra Colonial. Os media dão uma ajuda determinante, coincidindo com teses do passado - como a «Não há guerra nenhuma» / «Não houve guerra nenhuma», tão caras a Salazar. Mas, em 1974, todas as famílias portuguesas tinham ou tiveram alguém ligado ao conflito. Os milhares e milhares de mortos e estropia-

dos mereciam, em memória, mais respeito. Uma ferida que ainda não fechou!

A UPP, mais uma vez, traz a Guerra Colonial a debate. No próximo dia 10 de Abril, pelas 18 horas, vamos ouvir e conversar com o investigador e escritor Jorge Ribeiro – iniciativa enquadrada nas Comemorações Populares do 25 de Abril no Porto em cuja Comissão Promotora a Universidade Popular do Porto se integra.

GRUPO CORAL DA UPP

Com o Grupo Coral, a UPP pretendeu criar um espaço onde pudessem conviver a solidariedade, o entretenimento e a amizade e enchê-lo com música, possibilitando, dessa forma, novas vias de fruição e enriquecimento cultural no quotidiano dos seus participantes. Podendo chegar a variados auditórios, o coro é também um veículo de divulgação e prestígio da própria UPP.

A voz é um grande instrumento que o ser humano possui. Com o Coral aprende-se cantando, adquirindo ao mesmo tempo noções musicais e rítmicas.

Tendo retomado os ensaios em Outubro, com o professor e músico Rui Rodrigues, o Grupo Coral da UPP continua aberto à integração de novos elementos para reforçar a difusão da música popular. Novas vozes são sempre importantes para a sua dinamização. O grupo e a UPP contam consigo. Venha experimentar.



O Grupo Coral no convívio de Natal da UPP

DA REVOLUÇÃO DE ABRIL À CONTRA-REVOLUÇÃO NEOLIBERAL

Livro de Avelãs Nunes apresentado na UPP



Numa iniciativa da Associação das Conquistas da Revolução e com apresentação de Rogério Reis e a presença do autor, decorreu na UPP em 6 de Março último um debate em torno do livro de António Avelãs Nunes “Da Revolução de Abril à Contra-Revolução Neoliberal”.

Refletindo e enquadrando teoricamente variados temas relacionados com a Revolução de Abril, o livro denuncia, por exemplo, os ataques à Constituição da República, os crimes contra a reforma agrária e os ataques aos direitos dos trabalhadores perpetrados pelos inimigos da revolução, bem como as manobras em torno da Guerra Colonial, com referências ao Apartheid.

As privatizações, incluindo de setores crescentes do Estado, e a imposição do processo de globalização neoliberal, passando pela financeirização da economia e a contra-revolução monetarista, foram também temas abordados no livro e no debate.

Cursos livres da UPP

Vida quotidiana no Egipto, Grécia e Roma



Assunção Marques da Silva

Vida quotidiana no Egipto, Grécia e Roma é o tema do curso orientado pela Dr^a. Assunção Marques da Silva.

Numa conversa informal, falou-nos acerca do seu interesse por esta parte específica das “pequenas histórias” sem as quais não existiria a chamada “grande

história”: conhecer o homem comum, as suas ações e atitudes no que diz respeito a doenças, morte, sexualidade, etc. Disse-nos: “ Não quer dizer que não me interesse pela outra História. Mas, há uma parte dessa pequena História que me despertou muita curiosidade e que foi o estudo da sexualidade. Porquê? Porque foi um tema que, desde que me conheço, foi sempre tabu e falar sobre ele era normalmente rejeitado. Portanto, as pessoas não estavam interessadas em falar nisso.

Achei extremamente curioso que, ultimamente, a investigação se tivesse virado para esses temas, nomeadamente para este que era um dos que me interessavam mais. E, portanto, comecei a trabalhar; fiz uma espécie de tese sobre o tema e senti vontade de transmitir esses conhecimentos, porque achei tão interessante ver como é que as sociedades (comecei com a Mesopotâmia) ao longo dos tempos se relacionavam com estas questões, como é que as viviam, como é que as transmitiam. Daí ter sugerido o meu interesse em abordar esta temática, sempre com algum receio, porque sei que é um tema que cria anticorpos. Estava convencida que aqui (UPP) teria pessoas interessadas, com maior abertura para se interessarem por esta temática. Mas, foi uma desilusão! Concluí que a maior parte das pessoas confunde sexualidade com sexo. Não quero dizer que na sexualidade não entre o sexo, mas é muito mais abrangente. E tem coisas interessantíssimas como as técnicas de sedução, por exemplo.

E foi com surpresa que ouvi a reacção de

algumas pessoas, designadamente de mulheres que deviam ser, quanto a mim, das mais interessadas porque isto liga-se com a condição feminina. Por isso, decidimos, este ano, dar-lhe uma outra feição. Quer dizer, continuo nas pequenas histórias, mas indo para a vida quotidiana, para a vida privada, sendo portanto mais abrangente.”

À pergunta: Em que fase se encontra, neste momento?, respondeu-nos: “Neste momento, comecei a tratar da sexualidade no Egipto. É curioso descobrir a forma velada como os egípcios nos legaram as numerosas referências à sexualidade, umas vezes através de jogos de palavras, outras através de alusões simbólicas. Mas, antes, abordámos outros temas: a alimentação e como a cerveja era usada pelos egípcios como alimento; os artesãos no seu trabalho nos hipogeus, as relações de trabalho e as técnicas usadas para, dentro do possível, manterem em segredo a construção das sepulturas reais. Falamos na primeira greve



O HIPOGEU DE UM ARTESÃO. Sennedjem, servo do Lugar da Verdade, era um dos artesãos de Deir el-Medina. Viveu nos reinados de Seti I e Ramsés II, no século XII a.C. A sua câmara funerária foi encontrada intacta em 1886.



A SEXUALIDADE DOS DEUSES. Chu, o deus do Ar, separa Geb, o deus da Terra de Nut, a deusa do Céu (que todos os dias paria Ré, o Sol, ao amanhecer). Pintura num sarcófago datado de cerca de 984 a.C.

de que há notícia na história levada a cabo, durante o reinado de Ramsés II, pelos operários dos túmulos para reclamarem os seus direitos; o vizir, ‘a sombra do faraó’ personagem na qual o faraó depositava grande parte da responsabilidade do governo; os sacerdotes que eram os representantes do faraó no culto diário aos deuses e a forma como o faziam”.

Perguntámos a Assunção Marques da Silva se, na sua opinião, existiam diferenças comportamentais a nível da sexualidade: “Não, na base, não. Há variantes, muitas variantes. [...] Podemos dizer, entre aspas, que no Egipto, na Grécia e em Roma houve ‘amor livre’ pois o amor e a sexualidade eram considerados naturais, próprios da natureza humana, não havia a noção de pecado ligada ao amor e à sexualidade que foi espalhada pelo cristianismo. Esta foi a grande mudança. Tudo isto está documentado e, realmente, abre-nos outros horizontes”.

A abrangência desta temática pode ser, sem dúvida, o ponto de partida para conversas muito enriquecedoras. Tão mais enriquecedoras quanto maior for o número de intervenientes. Aceite o desafio: venha participar neste curso!

Ainda há lugar para si!



UPP - Universidade Popular do Porto
Rua da Boavista, 736
T: 226098641 - 963874167
geral@upp.pt - www.upp.pt
www.facebook.com/UniversidadePopulardoPorto